

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

**ep
a**

ESTUDOS
PORTUGUESES E
AFRICANOS

NUMERO 12
2º SEMESTRE
DE 1988

| | | | | |
|-----------------|----------|------|--------|---------------|
| Est.Port.Afric. | Campinas | n.12 | p.1-93 | Jul./Dez.1988 |
|-----------------|----------|------|--------|---------------|

ria o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos - a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

Lisboa, 30 de Março de 1933

Est. Port. Afric., Campinas, (12): 1-14, Jul./Dez.1988

DO DESCONCERTO E DO CONCERTO DO MUNDO EM MENSAGEM

Maria Helena Nery Garcez (USP)

É no Canto VI de Os Lusíadas, na estância 93, que, ao avistar a terra de Calecute, o piloto Melindano dirige-se a Vasco da Gama e aos marinheiros que o acompanhar, com as seguintes palavras:

"Esta é, por certo, a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E, se do mundo tais não desejas,
Vosso trabalho longo aqui fenece."¹

A esta fala, o poeta pessoano Mensagem pode, certamente, oferecer tais de uma resposta. Dentre as muitas que a rir pareceram possíveis, saliento uma, tomada do poeta "Padrão", integrante da Segunda Parte desta obra épica, parte que, significativamente, se intitula "Mar Portuguez:

(22) "E a cruz do alto diz que o que te ha na alma
E faz a febre er rir de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar."²

Embora possa objectar-se que os últimos versos citados estão er primeira pessoa e, portanto, poderiam aplicar-se única, ou, principalmente à figura histórica que os profere, Diogo Cão, eu responderia que esta primeira pessoa não é essencialmente subjectiva mas, curiosamente, compõe uma fala que se quer coletiva, didática e universalizante, como claramente no-lo mostra a estrofe imediatamente anterior à acima transcrita:

"E ao irenso e possível oceano
Ensinar estas Quinas, que aqui vês,
Que o rar cor fir será grego ou romano:
O rar ser fir é portuguez."

Vigoroso é o diálogo que entre o poeta épico de Camões e o de Pessoa se estabelece. Vigoroso e fecundo, já que o poeta de Pessoa pressupõe o de Camões, constrói-se sobre ele, recria-o, propondo uma nova interpretação não só da História de Portugal como da própria História da Humanidade.

Quando estamos diante de Os Lusíadas e de Mensagem, na verdade, estamos diante de duas diferentes leituras e interpretações da História Pátria e da História Universal. São duas vozes épicas a se fazerem ouvir e, se Luís de Camões revisitou, em seu poema, toda a História de Portugal até o presente dele, poderemos observar que Fernando Pessoa não agiu do mesmo modo. O poeta de Orpheu interrompe a revisão da História Portuguesa num momento decisivo, no "desastre" de Alcácer-Quibir e, põe de lado, todos os acontecimentos históricos posteriores. Como interpretar tal seleção de acontecimentos feita por Pessoa? Teria ele a intenção de apenas reinterpretar algumas das figuras e alguns dos episódios que constavam do poema camoniano? Ou estaria ele a dizer-nos que os acontecimentos posteriores nada mais são que uma espécie de interlúdio, de compasso de espera para o que realmente interessa, que é aquilo que ainda está por vir e que dará cumprimento ao que se esboçou até o século XVI, aquilo que se correçou a significar nos primórdios da História Portuguesa. Até D. Sebastião teria havido um tempo, que representou uma etapa: a da constituição do Império. Depois dele, correçou um novo tempo, o da espera, o do advento do "Encoberto", que, por sua vez, quando vier inaugurará um terceiro tempo.

Ver muito a propósito, segundo me parece, assinalar que Luís de Camões, ao dirigir-se a D. Sebastião, no Canto I, est.15, tenha composto os versos que cito a seguir, versos que numa certa leitura de sabor pessoano, bem poderiam qualificar-se de "proféticos":

"Totai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto."

Na verdade, se formos refletir sobre o movimento sebastianista e sua respectiva literatura, se formos refletir inclusive acerca do poema Mensagem que, de certa forma, pode estar abrangido nos referidos versos, deveremos concordar que a "profecia" se verificou: D. Sebastião deu matéria, e muita, a "nunca ouvido canto", apenas que num sentido diverso daquele previsto pelo vate renascentista.

Para Luís de Camões, situado diante de uma façanha já parcialmente realizada (desde a 2ª estância de seu poema, a voz épica nos informa que um dos motivos de seu canto seria o "Novo Reino" edificado), D. Sebastião tem um significado muito preciso: ele deverá ser o consurador e o consolidador do Quinto Império e, por isso, dirige-lhe este versos:

"Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o grande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande."
(I,6)

Os Lusíadas são a epopeia de grandes feitos que já se consumaram, mas também são a epopeia da esperança nos grandes feitos que hão de vir através do governo de D. Sebastião que, não o esqueçamos, é dor de Deus. É por isto que a voz épica camoniana formula um convite a D. Sebastião para ver, nos seus versos, os feitos gloriosos já passados, convite principalmente formulado da est. 7 à 14 e, da 15 à 18 (inclusive) ou dirige exortações ao rei ou faz sua apologia.

O que a voz épica de Os Lusíadas não pôde ver, porém, voz épica tão sensível ao Desconcerto do Mundo³, foi o grande Desconcerto do reinado de D. Sebastião, que culminou no "desastre" da batalha de Alcácer-Quibir e no destronamento progressivo do que Camões entendia que deveria ter sido o Quinto Império.

Ora, este grande Desconcerto foi visto pelo épico de Mensagem e é nele que se funda, de modo axial, a sua reflexão e o seu discurso poéticos. Se Fernando Pessoa revisitou a História Portuguesa anterior ao reinado de D. Sebastião é para dela oferecer uma nova versão, diferente da de Camões, principalmente na interpretação que dá aos acontecimentos e na ênfase aos valores que, segundo ele, a presidiram, acrescentando, a seu poema, uma Terceira Parte, que já não se pode, com rigor terminológico, denominar histórica, mas à qual se pode aplicar o termo "profética", no sentido em que o Pe. António Vieira, por ex., o emprega em sua História do Futuro.

O "desastre" de Alcácer-Quibir foi, talvez, o maior Desconcerto que o povo Português conheceu no seu desenvolvimento histórico. Como "ler" este Desconcerto? Como interpretá-lo? Que posição tomar, afinal, em face dos Desconcertos em geral e deste grande Desconcerto que, aparentemente, representa o grande malogro do sonho Português da constituição de um Quinto Império, ao mesmo tempo, material e espiritual?

Ora, a posição da voz épica de Mensagem face ao Desconcerto do Mundo é um dos pontos de partida deste poema, é uma sua premissa. Não esqueçamos que, ao visitar a História Portuguesa através das figuras que, para este épico do século XX, constituem o "Brasão", encontramos, desde o início os dois poemas que constituem a abertura para a entrada no "mistério" desta Nação e deste Povo, os dois poemas que constituem os campos do "Brasão", análogos às duas colunas do templo que, simbolicamente, os ocultistas dizem que os iniciandos devem atravessar quando desejam ingressar numa sociedade secreta.

Os poemas de Os Campos são dois, assim como são dois os campos necessários, neste mundo épico pessoano, para que a História se realize: o campo do humano e o campo do

divino. O primeiro campo apresenta-nos, numa síntese admirável, os protagonistas humanos da História não só Portuguesa, mas da História da Humanidade em geral e o segundo campo, imediatamente relacionado com o primeiro, mostra-nos o plano do divino e as ligações que, a partir dele, se estabelecerem com o plano humano. Desde já deixemos assente que estas relações são de Desconcerto, quando avaliadas numa visão presidida pela lógica humana.

É curioso que a voz épica de Mensager retorne, para caracterizar a Europa, o mesmo verbo que a voz épica de Vasco da Gama, nos Lusíadas, emprega ao contar suas origens, isto é, ao identificar-se e identificar seu povo e sua civilização ao Rei de Melinde. "A Europa jaz, posta nos cotovellos:/De Oriente a Occidente jaz, fitando", dizem os primeiros versos de Mensager, enquanto que a est.6, do CANTO III, de Os Lusíadas, informa-nos que:

"Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta Setentrional do sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto, como a do reino por ardente,
Jaz a soberba Europa,"

Em ambos os poemas a "Europa jaz", mas, enquanto que no poema canônico, este continente é qualificado pelo epíteto "soberba", significando deste modo sua condição vitoriosa de grandeza, poder e superioridade, no poema pessoal, esta Europa que jaz, numa posição privilegiada de elo entre Oriente e Occidente, executa uma ação que é a de "fitar", e, como nos versos finais se nos diz:

"Fita, com olhar sphingico e fatal,
o Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal."

O fazer da Europa interpreta-se diferentemente. A voz épica de Mensager põe de parte o epíteto "soberba" e mostra-nos um fazer que não é, de forma alguma, uma atitude passiva, mas significa uma atitude de prontidão, de vigília, porque a Europa jaz "fitando" o "Occidente" e, se o fita, é com "olhar sphingico e fatal", isto é, é com olhar enigmático, misterioso e necessariamente determinado, para um Occidente que é seu Destino.

Quere lembrar que, neste primeiro poema, a voz épica pessoal consegue reunir aqueles que Pessoa considera, como se pode comprovar também pelos textos do espólio,⁴ os

quatro grandes impérios que o mundo conheceu: o grego, o romano, o da Europa, entendendo-se por este nome, o Sacro-Império cristão e o inglês. Nova interpretação diversa da canônica acerca dos quatro grandes impérios do mundo, já que Camões, como mais tarde também Vieira o fará, considera os impérios anteriores, segundo a interpretação bíblica tradicional do sonho de Daniel, como o dos "Assírios, Persas, Gregos e Romanos" (I, 24). Toda uma soma inumerável de acontecimentos, várias eras da História estão condensadas no primeiro campo, o dos "Castellos", ou na primeira coluna deste poema esotérico.

O segundo poema de "Os Campos", "O das Quinas", que é correlato ao "Concílio dos Deuses" de Os Lusíadas, mostra-nos, como já afirmamos, o plano do divino. Ora, a regra fundamental que preside o comportamento dos deuses, para a voz épica pessoal, é a troca: "Os deuses vender quando dão." Isto é, os deuses não dão pois sempre exigem algo em troca de seus, impropriamente chamados, "dons". E o que estes deuses exigem? O verso seguinte é suficientemente explícito: "Compra-se a glória com desgraça." Como se não bastasse a clareza incisiva e contundente deste verso, temos ainda a terceira estrofe, culminância do poema, exemplo paradigmático da regra do jogo do plano divino:

"Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Christo definiu:
Assim o opoz à Natureza
E Filho o ungiu."

Como é fácil de se ver, o paradigma de Cristo que nos é proposto, não corresponde à visão ortodoxa apresentada pela Igreja, pois que, do poema pessoal pode-se depreender que Cristo é ungido como Filho somente através da desgraça e da vileza da crucificação; não é o Filho desde toda a eternidade que, voluntariamente, aderiu ao desígnio do Pai e que declarou nos textos evangélicos ser Ele próprio a doar sua vida: "Por isso teu Pai te ama, porque dou a minha vida, para outra vez a assumir. Ninguém te tira de mim, mas eu por mim mesmo a dou, e tenho o poder de a dar, e tenho o poder de a reasumir. Este é o mandamento que recebi de meu Pai." 5

Retornando, porém, o fio do raciocínio principal, verificamos, pelo segundo poema de "Os Campos" que, para deixar rastro no mundo, isto é para fazer História, é preciso um componente essencial, a dor, o martírio, o "desastre". É este o sinal de predileção, o sinal do "barão assinalado" e do "povo" igualmente "assinalado". É necessário saber ver além do aparente fracasso, pois foi na crucificação de Cristo - aos olhos humanos uma enorme e vil derrota -, que Deus o coroou como vitorioso num outro plano que existe para além do humano, o plano divino. Não está, portanto, ostensivamente presente neste poema o problema ragn das relações entre dois planos, relações que se nos apresentam como um Desconcerto em que é preciso ter olhos para ver um Concerto?

A premissa de que parte Pessoa para a constituição de seu poema épico é, portanto, esta: nas relações entre o divino e o humano existe uma incessante interação, da qual decorre a História. Esta se faz pela ação conjunta de Deus e do homem, mas sempre contando com o "desastre", com a "desgraça". Isto posto, o poeta passa a mostrar-nos como tal sucedeu na História Portuguesa, pela seleção muito cuidadosa (mas que não temos de analisar) de algumas de suas figuras.

Cada um dos "assinalados" nesta história cumpriu um desígnio duplo, por assim dizer: o desígnio consciente e voluntário, partido dele mesmo ou do plano do humano onde estava integrado - um desígnio literal, poderíamos também dizê-lo -, e um desígnio divino, desconhecido, na maior parte das vezes, pelo herói - um desígnio místico, se quisermos manter o paralelismo.

O desígnio real, o mais profundo, o verdadeiro é aquele que está, na maior parte das vezes, oculto ao "barão assinalado" de Mensager. O homem é instrumento de uma ação que o excede, que ele não alcança compreender totalmente. Há uma inteligência superior a reger a História para um determinado fim, desconhecido da maioria dos homens, no ser humano, e este colabora nele, com sua ação, com o saber. É o que nos dizer, por ex., os poemas "Terceiro" dos "Castellos", o "Conde D. Henrique", ou o "Séptimo (I)", sobre "D. João, O Primeiro".

As figuras que compõem as "Quinas" têm todas o "desastre" e o "desconcerto" como denominador comum. Todas foram "assinaladas" pela desgraça; todas foram mártires, a diferentes títulos. Mas foi assim, exatamente por meio dessas linhas tortas, que Deus escreveu direito e Portugal se foi fazendo e foi cumprindo um determinado fazer no mundo. Tratar-se-ia de um providencialista, tal como o poderemos encontrar em Os Lusíadas?

No "Brasão" há sempre um misto de sucesso e de insucesso, de "sorte" favorável e de "sorte" adversa. O homem é instrumento divino ora para vencer, ora para ser vencido, mas mesmo quando vencido, ou melhor, principalmente quando vencido, "ungido" pela desgraça, é que vence realmente, porque fecunda a realidade. De novo irrompe a indagação: estaria, então, Pessoa, de acordo com Camões, partilhando de uma idêntica visão providencialista da História?

Principiando a responder, inclino-me a pensar que, diferentemente de Camões, aos heróis da épica pessoana, pouco parece importar a aventura temporal. Analisando bem, todos esses heróis são, na verdade, protagonistas de uma aventura muito mais mística do que material,⁶ e é aquela a que interessa a voz épica pessoana. Todos esses seres, afinal, não estão mortos e é por isto que, a alguns, o poeta os invoca, clamando por sua proteção. Há como que uma visão atemporal dessas personagens, que estão como que pinçadas do tempo, formando uma galeria de eternidade; elas não cumpriam uma missão e desapareceram, não se caracterizam pela ausência, mas por um eterno olhar, por uma

eterna presença.

Diferentemente de Camões, que se obriga a percorrer toda a genealogia dos reis e a dar uma notícia acerca de cada um, a voz épica de Mensager não percorre cronologicamente a História. Seu critério é outro. Ele zigzagueia pela História, escolhendo personagens que considera decisivas sob o prisma analógico com que a lê, deixando outras de lado. Isto porque seu desígnio maior não é o de informar, nem mesmo o de encantar e comover (como o faz Camões com o episódio, também desconcertante, de Inês de Castro), mas o de interpretar a História sob o ponto de vista da intervenção divina nela; é isto o que mostra em cada uma das figuras focalizadas. A ele interessa analisar como, em Portugal e na História, o plano divino entrelaça-se com o humano, compondo um Concerto no Desconcerto e pelo Desconcerto.⁷

Curioso é também assinalar que, se Camões está de posse contínua e claramente da consciência de um Concerto do Mundo que se dá num Desconcerto, sua voz épica, no entanto, mostra-se, com frequência, ressentida, dorida por este fato, como o vemos, por ex., no Canto I, 71, 105 e 106, no Canto IV (na fala do Velho do Restelo) e em numerosos outros exemplos que cito no artigo já mencionado. Em Mensager, significativamente, tal assombro, tal estupefação ante o Desconcerto não existe. A voz épica de Mensager, como já o disseros, tem como pressuposto, como premissa e ponto de partida o Desconcerto e o "desastre". Aliás, também no espólio, é recorrente a idéia de que o homem superior é "assinalado" pela desgraça, repetindo-se, embora com outras palavras, os versos do segundo poema de "Os Campos":

"Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!"

8

Explorado já, sob vários ângulos, este tema do Concerto no Desconcerto, detenhamo-nos agora na figura de "As Quinas" que representou a culminância do Desconcerto na História de Portugal: D. Sebastião. De acordo com as regras do jogo que presidem a visão épica pessoana, ao maior Desconcerto corresponde o maior Concerto. Se o povo Português, em D. Sebastião, teve de passar pelo seu maior "desastre", teve de conhecer a maior "desgraça" e "vileza", segundo a lógica não humana desta História, ele tem agora todos os motivos de esperança num período de glorificação e de grandeza, ele tem todas as credenciais para ser "ungido" com um destino glorioso. Ao "desastre" maior deverá corresponder uma glorificação maior, daí os versos com que finaliza o poema "O infante" de "Mar Portuguez":

"Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!"

Significativamente, o texto 125-51, do envelope Sebastianista reforça: "(...) porque não apareceu ainda o verdadeiro império português, do qual o Império dos Descobridores e as conquistas não foi senão a antevisão ou sombra projectada adiante. (...)", e o 125A-92, tais porrenhorizadamente acrescenta:

"(...)

Terá o leitor reparado que, nas profecias directamente referentes ao processus imperial português, se diz que por duas vezes falha a tentativa imperial, embora, de cada vez, deixe de si qualquer coisa para ser continuada pela tentativa seguinte, sendo a última a que se realiza. O império de conquista falha, mas ser o império de conquista não poderia o império cultural buscar o apoio, pois não teria ideia de império alguma em que se apoiasse. O império de cultura falha, mas, ser esse império de cultura, não teria o Quinto Império arbitrio com que cingir aquella universalidade dos homens e das coisas em que, sob a égide de Christo, fechará o cyclo christão, ou o do mundo, se houver verdade no conceito que identifica o christianismo com a história do mundo. (...)"

Se as duas primeiras partes deste poema épico, "Brasão" e "Mar Portuguez", são dedicadas a desenvolver o tema do Concerto que se vai dando no e pelo Desconcerto, enfatizando o Desconcerto embora, na Terceira Parte, "O Encoberto", o poema volta-se todo para a decifração do futuro, para uma leitura da "História do futuro" através do que a voz épica pessoana denomina "Os Syrbolos", "Os Avisos" e "Os Tempos". Volta-se, portanto, para a tentativa de decifrar o Concerto que deverá succeder-se ao grande Desconcerto havido.

O primeiro símbolo é o próprio D. Sebastião que, no poema igualmente intitulado, principia significativamente por uma exortação à Esperança: "Sperae! (...)" e finaliza prometendo que regressará.

Importante é ainda assinalar a frequência com que se recorre ao sentido da audição na Terceira Parte de Mensager, principalmente nos poemas "As Ilhas Afortunadas" e "Terceiro/Calva". Se em Os Lusíadas um verbo privilegiado é, ser dúvida, o "VER" e o "CONTAR", consequência do "ter visto", na Terceira Parte de Mensager o privilégio é para o ouvido:

(42) "Ilha próxima e remota,
Que nos ouvidos persiste,
Para a vista não existe."

Não se trata mais da epopeia da visão, do conhecimento científico; tudo isto, para o épico que há em Pessoa, pertence ao passado, tudo isto já se cumpriu e já foi. A epopeia pessoana, sob este aspecto, mas, a diferentes títulos, é, como a caroniana, a epopeia da Fé. A Ilha "que guarda o Rei desterrado" não se consegue ver, mas se ouve.

Ora a fé, por definição, é não ver. Como diz o Apóstolo, a fé "entra pelos ouvidos".

O Português, de "vista de lince", "pronto co'a vista", que "viu claramente visto", no poema épico de Camões, agora, para a efetivação do que a voz pessoana considera a sua mais radical vocação, deverá guiar-se pela fé e carinhar na obscuridade, na noite ou no "Nevoeiro", guiado apenas pelo ouvir, pela voz de "profecia". Trata-se de uma aventura e de um carinho iniciáticos.

O grande feito Português não foi, afinal, o Acharento do carinho raríssimo para as Índias, nem a descoberta do Ocidente, nem a constituição do Império. O grande feito português, na visão sebastianista e messiânica que preside Mensager, está na irinência de vir ("E a Hora!"); aqueles primeiros acontecimentos foram apenas os sinais deste último, que é o verdadeiro e que é o grande Concerto que o Mundo espera.

Como é sabido e foi provado⁹ que Pessoa não aceita a Revelação cristã tal como no-la apresenta a Igreja, há uma identidade do homem que nela é desvendada, mas que o poeta de Orpheu repele; para ele continua a subsistir uma indagação acerca das origens do homem, da sua identidade e da identidade Portuguesa. Se nos Lusíadas a grande preocupação com identificar e "contar" uma História que mantenha a identidade e demonstre um finalismo que abre para o mundo da Revelação cristã é patente, em Mensager, Pessoa, que não resolve assim este problema, recoloca a indagação sobre as origens e propõe esta nova meta para a busca:

(40) "Quereros ir busca-los, desta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quer somos, na distância
De nós; e em febre de anciã
A Deus as mãos alçamos."

É, efetivamente, o poema épico de uma busca que ainda não se concluiu, busca do que a voz épica considera a verdadeira identidade, o verdadeiro nome poderíamos dizer pensando no Apocalipse, só de Deus conhecidos e que só Ele poderá revelar quando chegar a Hora do Advento do "Encoberto", o novo Messias, instaurador do verdadeiro Quinto Império da História, que colocará Portugal como o "cure da cabeça" (nas palavras de Camões) não só da "Europa toda", mas de todo o Mundo.

Necessário agora é dar toda a importância que tem o quinto poema dos "Syrbolos", o "Encoberto", onde aparece ostensiva e veladamente a mística Rosacruçiana que deverá constituir, em minha opinião, o esteio espiritual deste Quinto Império que Pessoa, significativamente, anuncia estar irinente a uma Fraternidade, quando encerra seu poema com a saudação: "Valete, Fratres", que constitui um estímulo e um encorajamento para a façanha que os espera.

Penso que nunca poderemos penetrar a fundo em Mensager se não tivermos em conta o papel que esta rarificação do ocultismo desempenha nas previsões do poeta acerca do que deverá ser o Quinto Império Português. Penso ainda que para um esclarecimento mais cabal são extraordinariamente elucidativos os textos do espólio do poeta, principalmente os contidos nos envelopes relativos ao Ocultismo (De 54 a 54B) e ao Sebastianismo (De 125 a 125B).

A seguir, procurarei dar uma visão sintética do pensamento do poeta de Orpheu, contido nesses textos, principalmente acerca do papel que, para ele, representa a Fraternidade Rosacruziana, tendo o cuidado de advertir que nem sempre os documentos do espólio são suficientemente claros, ou mesmo, perfeitamente legíveis.

De acordo com o que pude depreender, no texto 54-1, por exemplo, Pessoa acaba por concluir que existe uma notável superioridade nos escritos do Rosa-Cruz quando cotejados aos dos teósofos. Manifesta, claramente, uma preferência por aquele raro esotérico em relação a este, e é aquele ramo que vai aparecer ligado à sua concepção do Quinto Império. Noutro documento, que me pareceu importante, o 54-46, estabelece um vínculo de continuidade entre esta sociedade secreta e a extinta Ordem do Templo. Dele citarei alguns fragmentos significativos:

"Destruída como Ordem Externa em toda a charada christandade, não foi cortado a Ordem do Templo internamente destruída. Nem externamente o foi de todo. Disfarçou-se na Escócia, disfarçou-a D. Dinis em Portugal. Converteu a Ordem Externa em Ordem de Christo; e, por traz da Ordem de Christo, continuou intacta, como ainda hoje está, a Ordem Interna do Templo. (...).

No resto da Europa, a reorganização efectuou-se na Alemanha, um pouco mais tarde, e tornou a forma, um tempo interna e externa, da Fraternidade da Rosa Cruz.

Era fim secreto dos Templários transformar a Igreja de Roma, operando nela de dentro, em Igreja Católica. (...)"

Nesta concepção muito particular que Pessoa tem da Ordem do Templo ele atribui-lhe, como se lê acima, o fim secreto de operar na Igreja Católica Apostólica Romana desde dentro, para transformá-la noutra coisa, no que ele considera a verdadeira igreja católica ou universal, que não seria nunca a que tem sua sede em Roma. Logo, a Fraternidade Rosa-Cruz, nada mais senão do que um dos avatares da Ordem do Templo, segundo Pessoa, também deverá ter o mesmo fim secreto.

Prossequindo a leitura dos textos do espólio poderemos obter maiores esclarecimentos acerca das concepções de Pessoa, relativas ao cristianismo e penso que vale a pena reproduzir mais alguns trechos de seus escritos, neste caso, do documento 54A-18:

"(...) Desde que ficou místicamente completo, o Christianismo formou-se com duas faces, uma virada para a Luz, que é a mentira, outra para a Sombra, que é a verdade. Da primeira face se formaram, em virtude de várias e sucessivas circunstâncias históricas, as Três Igrejas cristãs - a de Roma, a chamada orthodoxa, e aquela, fragmentária e incoordenada, a que ressurtiu sob a denominação de Protestante. Da segunda face se formou uma única Igreja - a Igreja Gnostica, possuidora das chaves dos intimos mysterios; foi a ella a que mais tarde se haveria de chamar, na linguagem dos Rosicrucios, a Igreja Mystica.

Por circunstâncias que, ou são desconhecidas e por isso se não podem narrar, ou são conhecidas mas por sua natureza se não podem narrar também, veio a formar-se, com certos fins místicos e secretos, a dentro do seio visível da Igreja de Roma, uma ordem que foi designada de ordem Militar do Templo de Salomão. Os seus servos, iniciados ou não, são os que designamos pela abreviação de Templários. A esta Ordem Mystica foram confiados os segredos e a tradição de Igreja Gnostica. (...)"

Ora, se, para Fernando Pessoa a verdadeira e única igreja, é a gnóstica e se, ainda segundo Pessoa, seus segredos e tradições foram confiados à Ordem Mística dos Templários, de que a Fraternidade Rosacruziana é, no nosso século, um dos avatares, conclui-se que, para Pessoa, a Ordem da Rosa Cruz é a verdadeira e única igreja, porque professa a Gnose.

Ver a propósito lembrar agora a figura do Bandarra, que no poema Mensager, constitui o primeiro aviso acerca do Quinto Império. No texto 54-88 há afirmações muito importantes de Pessoa sobre esta personagem. Nele, o poeta de Orpheu afirma que o nome Bandarra passou a designar "dentro da Ordem de Christo, qualquer dos Irrãos que assumira a mesma luz, ou, fallando figurativamente o mesmo grau. Assim a maior parte das profecias, ou trovas (variantes: coisas trovadas, ou achadas), ditas do Bandarra nada tem que ver com a pessoa humana do sapateiro de Trancoso. Sobretudo o não ter o chamado Terceiro Corpo, a obra prophetica mais completa (no sentido, por assim dizer artistico ou intellectual) que se tem visto no mundo. (...)"

Destas palavras depreende-se, pois, que o terceiro Corpo das Profecias do Bandarra não foram escritas pelo sapateiro de Trancoso, mas sim por algum filiado à Ordem de Christo que, para ele é um sucedâneo da Ordem do Templo que, por sua vez, é a herdeira dos mysterios e tradições da única igreja que ele considera verdadeira e universal, isto é, a gnóstica.

O espólio ainda nos esclarece sobre o que o poeta de Mensager pensava dos intérpretes das "profecias" do Bandarra. Como, no seu dizer, os "nossos maiores" (texto 125A-9) só concebiam a verdade como católica romana e o império como o de armas e conquista entenderam as "profecias" do Quinto Império como a propagação da Igreja Católica Romana

na nas terras do mundo todo, conquistadas pela força. Segundo ele, não conseguiram ver que a Igreja Católica denominando-se Romana, negava sua universalidade e que o domínio sobre outros povos poderia ser diverso de um domínio pelas armas.

No texto 125A-12, há um momento em que Pessoa precisa ainda mais a natureza do domínio português: "(...) Queremos impor uma língua, que não uma força;..." e, mais além, no mesmo documento afirma: "Assim nos nossa índole prepara para aquela fraternidade universal que a theosophia anteprega, e que é de há tanto tempo a doutrina social íntima dos Rosa-Cruz. (...)"

Daí o poeta de Orpheu estabelecer, não só nos poemas de Mensagem, mas também no espólio uma proximidade entre Vieira e Bandarra. É no texto 125A-15 que corenta: "A circunstância curiosa de dos maiores crentes, senão o maior, no Bandarra ser o Pe. António Vieira, maior representante cultural da língua portuguesa. (...)"

Porém, enquanto que na História do Futuro, o Pe. António Vieira, heterodoxamente do ponto de vista da Igreja Católica, reconheça um Quinto Império, como império espiritual e temporal da Igreja Católica, Apostólica e Romana e no espólio, Fernando Pessoa faça notar que "A "paz", que o Bandarra diz que haverá em todo o mundo, será a paz de não haver diferenças religiosas (...)" (125A-33), no texto 125A-34, ele, Pessoa, tem o cuidado de advertir que, na sua concepção, embora o Quinto Império deva ser cristão, "o que não poderá ser é o christianismo cathólico."

E, para finalizar o exame dos textos do espólio, relativos ao rosacrucianismo e suas vinculações com o messianismo sebastico, transcreverei alguns trechos do importante texto 125B-42:

"Os dois ramos (apparentemente) mais notáveis da propaganda occulta, o Buddismo Esotérico e os Rosa-Cruz, destinar-se a preparar o mundo, cada um em sua sphaera de acção, para a formação da Nova Jerusalém, ou verdadeira Igreja Catholica. (...) sendo sua doutrina essencial, como de todos os ramos do occultismo, o Segundo Advento de Christo, e a fundação, com elle, da vera Igreja Catholica, preparar o estado de alta, só hoje definindo-se, para esse Advento e essa Fundação, de maneiras differentes. (...)"

e do texto 125B-39:

"(...)"

É aceitavel o critério que colloca o Reino do Anti-Christo para depois do Quinto Império. (...)"

Ora, sabemos que o Apocalipse de S. João foi interpretado por alguns de maneira que se denominou milenarista e que esta heresia conheceu difusão entre alguns cristãos e, notadamente, na Idade Média, no religioso Joaquim de Fiore, que acreditou encontrar nos textos bíblicos o anúncio de uma terceira era, uma era espiritual, a do Evangelho do Espírito Santo.

Não poderíamos ver no conceito de Quinto Império de Pessoa, tal como os últimos textos citados nos deixar ver, uma concepção milenarista? Não será o milenarista, afinal, a realização do Quinto Império? Não pode ser entendida como joaquimista e, portanto, como milenarista, a própria divisão triádica da Mensagem? Se a resposta for positiva, cumpre lembrar que o milenarista foi condenado justamente por desenfocar a visão cristã da História, que diz que a Parusia coincide com o final dos tempos e com a introdução do estado definitivo e eterno, ser nenhum reino intermediário.

O Concerto do Mundo que a voz épica pessoana de Mensagem prevê no grande Desconcerto aparente é Rosacruciana, gnóstica portanto, milenarista também. Tudo isto é perfeitamente conciliável.

Uma indagação, no entanto, pode ainda levantar-se: quais as relações entre essa visão da História e a visão hegeliana? Hegel, que já foi algures chamado de "o maior gnóstico" não teria igualmente contribuído para inspirar a divisão triádica de Mensagem? Seu pensamento filosófico também não se poderia conciliar com as outras concepções de ordem mística acima apresentadas?

Para concluir, recorro a estas palavras de A. de Oliveira:

"(...)Em boa parte o povo israelita permanece fiel à fé dos seus antepassados, aguardando um messias libertador tal como o apresenta o A.T. - esperança esta alimentada pelo culto. Mas os intelectuais judeus tenderam a identificar o Messianismo com certo idealismo hegeliano. 10

Com estes problemas lançados à reflexão, termino este texto em que, penso, se pode ver a resposta ao piloto Melindano: o "trabalho longo" de Portugal na visão de Pessoa, em Mensagem, não feneceu nas terras da Índia que então Vasco da Gama e seus companheiros avistaram; até poderíamos dizer que, naquele momento, mal acabaram de principiar.

NOTAS

Agradeço à Fundação Calouste Gulbenkian e à Fundação de Arquivo à pesquisa do Estado de S. Paulo, por me facultarem uma viagem e estadia de três meses em Portugal, o que me permitiu a consulta do espólio do poeta Fernando Pessoa e a elaboração desta comunicação.

1. Camões, Luis V. de - Os Lusíadas. Edição organizada por Eranuel Paulo Ramos, 6, ed., Porto, Porto Editora, 1985.

2. Pessoa, Fernando - Obra Poética. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz, 4 ed., Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1972.

3. Vide artigo: Garcez, Maria Helena Nery - "Do Desconcerto e do Concerto do Mundo em Os Lusíadas". In: - Revista Caroniana, 2 Série, São Paulo, F.F.L.C.H.U.S.P., vol V, 1982-1983.

4. Vide Documento 125A-34, envelope Sebastianismo.

5. S. João, X, 17 e 18. Bíblia Sagrada. Tradução do Pe. Mattos Soares 25 ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1970.

De passager, assinalamos que, intencionalmente, a voz épica pessoana nunca diz Jesus, mas Christo e a razão desta escolha parece-re vir explicitada no espólio, no documento 125B-43:"(...)

Os Rosa-Cruz, por outra parte, tendo de rinistrar, erborá veladamente, o resto ensinamento a outras populações, apresentaram-o de diverso modo. Não se referir, senão de modo tar vellado que só o comprehendesse quer pudesse comprehendelo, a Jesus, ao Adepto; apenas alludirar ao Christo, ao Filho de Deus. Assim, nada, no que diziar, feria a fé catholica ou christã dos seus leitores."

6. Algumas das comunicações acerca de Messenger, incluídas nas Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos levar-nos indubitavelmente a esta conclusão.

7. De passager aponto para uma fecunda leitura que se poderia fazer da Messenger: a leitura da mobilidade contínua das vozes do discurso. Não há uma única voz épica em Messenger mas contínuos deslocamentos do ponto de vista do discurso poético que ora se constrói em terceira pessoa, ora em segunda, ora em primeira do singular ou do plural, ora principia em terceira e passa para segunda ou para a primeira. É como se, algumas vezes, o épico onisciente se dignasse a ler-nos e a interpretar-nos a História de Portugal e da Humanidade, outras vezes precisasse dirigir-se à figura focalizada para revelar-lhe a ela e a nós o seu papel na mesma História e ora cedesse a voz à própria personagem, porque esta já se encontrasse num grau de iniciação suficiente para ter consciência do lugar que lhe coube no plano divino.

8. Espólio de F.P. - Textos 54-12 e 54-18 do Envelope 54 (Ocultismo).

9. Garcez, Maria Helena Nery - Alberto Caetano/"Descobridor da Natureza"? Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, 1985

10. A. de Oliveira - In: - VERBO. Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura. Lisboa, Editorial Verbo, 1971. Verbete Messianismo.

Est. Port. Afric., Campinas, (12):15-23, Jul./Dez.1988

O MENINO (GREGO) DA SUA MÃE

Yara F. Vieira (UNICAMP)

O poema "O Menino da sua Mãe", que Pessoa publicou em 1926, tem recebido renovada atenção da crítica: no IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, por exemplo, três comunicações debruçaram-se sobre a sua análise.¹ Pretendo aqui contribuir para a leitura desse poema, situando-o num contexto com o qual ainda não foi relacionado, e que me parece pertinente para a sua compreensão: o contexto dos poemas ligados à morte e, em especial, os epitáfios.

Entre os epitáfios que se encontram na Antologia Grega, há um cujo contorno situacional e emocional antecipa de certa forma o do poema "O Menino da sua Mãe". Não é minha intenção provar aqui que o epitáfio grego tenha servido de ponto de partida para o poema pessoano, porque não tenho provas disso. No entanto, pode-se afirmar com certeza que Pessoa o conhecia, uma vez que a Antologia Grega fazia parte não só das suas leituras comprovadas, mas também daquelas que decididamente serviriam de matriz para obras suas.

A predileção de Pessoa pelos epitáfios é inequivocamente atestada: em 1920, seis anos, portanto, antes da composição de "O Menino da sua Mãe", escreve as Inscriptions, catorze epigramas inspirados pelos epitáfios, ou inscrições túmulares, existentes num dos volumes da Antologia Grega, que o poeta conhecia através da tradução inglesa de W. R. Paton, publicada entre 1916 e 1918. Em 1924, publica na revista Athena a tradução de oito desses epitáfios, sempre a partir da versão inglesa. É forte, portanto, nessa altura, a impressão da Antologia Grega sobre Pessoa, devendo-se ainda observar que, dos cerca de 4000 poemas que a compoer, apenas traduz ou reescreve aqueles que constituir epitáfios, deixando de lado todos os demais epigramas que se encontram na grande antologia: os descritivos, os satíricos, os hortatórios, os religiosos, os amorosos, etc. O epitáfio é, assim, uma forma cara a Pessoa.² Não é irrelevante lembrar que em 1922, Álvaro de Campos escreve o "Soneto já antigo", que pode ser considerado um "encore" de epitáfio próprio e deambulatório a essa Daisy, que se encarregará de levar aos amigos a notícia da morte, assim assegurando o lamento, real ou fictício, do futuro defunto; no próprio ano de 1926, ainda o resto Álvaro de Campos escreve um poema que se pode ler em alguns trechos como um anti-